



## **Pensamento Comunicacional Canadense: as Contribuições de Innis e McLuhan<sup>1</sup>**

Luiz C. Martino<sup>2</sup>  
Universidade de Brasília/CNPq

### **Resumo**

O presente trabalho visa apresentar o pensamento comunicacional canadense. Adota e aprofunda o trabalho de Harold Innis como pioneiro do campo comunicacional. Defende que, mais do que uma teoria, sua obra comporta um programa de pesquisa (no sentido de Imre Lakatos). Define o núcleo duro do programa innisiano como *centralidade dos meios de comunicação e atualidade mediática*, entendendo estas teses como a base de um projeto de incomparável valor epistemológico, visto que constituiriam o fundamento do próprio saber comunicacional. O trabalho também tece críticas às teses secundárias, consideradas não essenciais, como a do determinismo tecnológico e às noções de meios de comunicação empregadas por Innis e por Marshall McLuhan, seu continuador.

**Palavras-Chave:** Escola de Toronto, Epistemologia da Comunicação, Teorias da Comunicação, Marshall McLuhan, Harold Innis.

### ***Um problema epistemológico***

Harold Innis e McLuhan têm sido apontados como os mais significativos nomes do pensamento comunicacional canadense. Não obstante as diferenças, eles têm sido analisados em conjunto, formando uma fecunda tradição nos estudos de comunicação.

Se os trabalhos do primeiro tiveram pouca divulgação – em parte a sua morte prematura e a falta de traduções<sup>3</sup> – a influência de McLuhan é bem mais extensa, já que sua notoriedade é incomparável. Acrescentemos, também, que McLuhan não foi apenas um pensador dos meios de comunicação, mas um intelectual mediático, talvez o primeiro no sentido pleno. O conhecimento que gerava se encontra diretamente aplicado na divulgação de suas obras. Os inúmeros paradoxos e boutades, as explicações indigentes, as analogias despropositadas, a constante mudança de assunto, enfim, todo este desconcertante cortejo de provocações que McLuhan faz desfilar perante seus leitores, constituem um poderoso arsenal de técnicas de captação da atenção do leitor. Se no plano do conteúdo argumentativo eles beiram o burlesco, enquanto *veículo* de idéias eles

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP Jornalismo do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor da Faculdade de Comunicação da UNB, email: martino@unb.br.

<sup>3</sup> A obra de Innis não foi traduzida para as línguas latinas, nem para o francês, uma das línguas oficiais de seu país. Sua difusão foi dificultada mesmo no Canadá, como testemunha Gaëtan Tremblay (2003).



correspondem a uma rigorosa estratégia<sup>4</sup>, coerente com o princípio de “*meio frio*”, proposto pelo autor. A rigor, são recursos retóricos para a captação da atenção, que McLuhan atribui ao apelo participativo dos meios frios, na medida em que exigem uma reação do receptor, uma contrapartida para dar sentido à mensagem, gerando um esforço e atitude participativa, que prende o receptor à mensagem.

Sem dúvida, a importância dada aos meios de comunicação é o traço considerado como característica mais marcante desta escola. Tal posicionamento epistemológico evita e resolve satisfatoriamente os inconvenientes de uma identificação dos processos comunicacionais com todo e qualquer processo social ou cultural, na medida em que estes são analisados a partir da mediação tecnológica. O foco nos meios de comunicação nos permite resignificar a abordagem interdisciplinar, presente nestes autores, de modo a diferenciá-la de uma visão holística. As desmesuras da interdisciplinaridade são contornadas na medida mesmo que os meios de comunicação passam a ser tomados como eixo de análise. É isto que evita a dispersão temática e que, em última instância, caracteriza os estudos de comunicação como saber autônomo (Martino, 2001b, 2001a).

Colocado no plano epistemológico, o problema de uma tradição canadense de estudos em comunicação nos leva a buscar e aprofundar a especificidade de sua contribuição para a formação desse domínio de estudo. Dessa perspectiva, não precisamos insistir nas diferenças entre os dois autores selecionados, nosso objetivo é determinar os princípios mais fundamentais que constituem um único programa de pesquisa.

Segundo Imre Lakatos, um programa de pesquisa é constituído por uma constelação de problemas e teorias, que não devem ser analisados de forma isolada, mas como séries ou conjuntos estruturados. Ele não nasce pronto e acabado, sua gênese comporta contra-exemplos, anomalias, enfim, falhas que deverão ser tratadas através da criação de teorias ou de hipóteses. Estas têm valores diferenciados, pois algumas constituem o *núcleo duro*, que não pode ser atacado sem colocar em risco o programa de pesquisa, e um *anel protetor*, correspondendo a aquelas teorias – denominadas como hipóteses secundárias –, que, ao contrário, podem ser criticadas e revistas sem colocar em risco o programa de pesquisa (LAKATOS, 1994, p. 64).

---

<sup>4</sup> “O estilo de *Understanding Media* havia sido deliberadamente escolhido por seu caráter ríspido e descontínuo, e se forjou em muitas redações diferentes. Foi deliberadamente escolhido para melhor complementar o tema. Esta é a técnica (ou a ciência, se preferirem) poética de alta categoria: satirizar diretamente o leitor, como meio de ensiná-lo” (Eric McLUHAN, 1990, p.10).



É importante ter em conta esta distinção. Ela expõe dois extremos perigosos: o dogmatismo e a crítica radical. Se a primeira posição corresponde ao equívoco de tomar uma teoria por doutrina, verdade inquestionável – o que impede as críticas, mas também elimina a possibilidade de desenvolvimento do programa de pesquisa –; a segunda deixa o programa de pesquisa demasiado vulnerável, sem proteção contra critérios excessivamente rigorosos (como o falsificacionismo radical), o que eliminaria a pesquisa logo nas primeiras dificuldades. Ambas posturas são, portanto, igualmente nocivas e devem ser afastadas, pois impedem o desenvolvimento da pesquisa científica.

Para nós, tal distinção se traduz, de uma parte, como possibilidade de distanciamento crítico em relação à obra desses autores, sem que isso signifique nem rompimento, nem aceitação incondicional de suas proposições. De outra parte, nos permite separar o que é realmente essencial e o que pode ser “negociado”, transformado e mesmo recusado, sem que o núcleo duro do trabalho de Innis e McLuhan seja afetado. A riqueza de uma tradição de pesquisa reside justamente nesta fertilidade, neste poder heurístico do núcleo central.

Por conseguinte, o quadro do programa da chamada Escola de Toronto pode ser entendido como uma série de autores trabalhando no sentido de aperfeiçoar, desdobrar e tornar mais consistente os princípios epistêmicos em torno do qual giram as diferentes teorias, os diferentes autores. A caracterização da escola canadense de comunicação corresponde, então, a encontrar e definir este núcleo duro, ou seja, seu fundamento epistemológico, pois, mais do que uma teoria particular, as obras destes autores devem ser compreendidas como as bases de um programa de pesquisa.

### ***Como tem sido compreendido o núcleo duro do programa lançado por Innis?***

Economista, historiador, acadêmico, mas também intelectual e político atento às relações internacionais. Como apreender a originalidade do comunicólogo dentro de um quadro interdisciplinar que prevalece e caracteriza o pensamento comunicacional no Canadá? Como entender os aportes epistemológicos de Innis para um domínio cuja autonomia está-se por fazer, e que para muitos nem mesmo existe ou existirá? Qual o sentido de: “H. Innis o pioneiro dos estudos de comunicação”?

Questões, bem entendido, que não estavam no horizonte de seu pensamento e que introduzimos para alcançar uma resposta a um problema que é muito mais nosso do que diretamente de Innis. E por isso estamos falando de contribuição. A construção de um



saber comunicacional autônomo não foi uma questão para o autor de *Biais of Communciation*; como ainda não é para a grande maioria dos autores canadenses. A própria área de comunicação só se organizaria mais tarde. Os primeiros sinais viriam quase uma década depois de sua morte e seria preciso três décadas para que uma discussão organizada se estabelecesse. Innis, portanto, não participou desse debate.

### ***Interdisciplinaridade***

Dessa forma, a contribuição de Innis deve ser buscada não exatamente no *plano do texto*, mas que se encontram no *plano do projeto*. E assim também para McLuhan, cujo texto, como comentamos acima, é permeado de argumentações inapropriadas. Devemos distinguir as abundantes teses secundárias (sua *heurística negativa*, na terminologia de Lakatos), que são a matéria viva e pulsante de seu texto, daquilo que efetivamente constitui o núcleo duro do pensamento comunicacional de Innis, sua efetiva contribuição.

Isto nos traz a questão da definição deste núcleo duro. Acompanhemos esta passagem, onde Melody aborda o problema:

Para Melody, o ponto central apareceria no contraste com a maioria da pesquisa em ciência social, ou seja, na “perspectiva holística”, na *abordagem interdisciplinar*, adotada por Innis. O que evidentemente é pouco sustentável. Mesmo admitindo um caráter interdisciplinar (e exclusivo) aos estudos de Innis, isto seria demasiado genérico. Tão genérico quanto as soluções encontradas por Robert Babe, para quem o pensamento canadense de comunicação teria como traço característico da *abordagem crítica* (2000a, p.16); ou aquela dada por John Watson, que unifica a obra innisiana pelo humanismo e sugere compreendê-la como uma “*abordagem filosófica*” (Watson, *apud* Acland & Buxton, 1998, p. 11).

Como se pode ver, muitas interpretações são possíveis, mas nosso interesse não é estabelecer a verdade do texto, nem o verdadeiro homem por detrás da obra, o que nos dispensa do trabalho de apontar qual delas seria a mais fiel. Se o que buscamos é a contribuição de Innis para o pensamento comunicacional, aquilo que em sua obra pode ser aproveitado para melhor compreender e fazer evoluir os fundamentos desse saber, então é forçoso reconhecer que as abordagens acima não podem nos ajudar, até porque não estão voltadas para isso. Mesmo se fossem verdadeiras (e pouco importa nesse momento), dificilmente constituiriam traços característicos, que nos ajudariam a apreender o que há de particular na contribuição de Innis, e mais importante, que contribuição podem trazer para o pensamento comunicacional. Em outros termos, a interdisciplinaridade, bem como a abordagem crítica ou humanista, não podem ser entendidas como o núcleo duro do projeto comunicacional innisiano.



### ***Três Palavras-chave e três teses: a obra comunicacional de Innis***

Vejamos o que poderia ser uma apresentação sucinta descrevendo o percurso de Innis. Seus três primeiros e grandes trabalhos versam sobre a economia canadense. Neles são analisadas a extensão do país para o oeste, sua industrialização e situação geopolítica. Trata-se de uma visão ampla, de um processo complexo, apreendido em sua totalidade. Suas agudas observações vão criando um somatório de elementos que se harmonizam em uma reflexão sobre os Impérios, ou seja, a dependência político-econômica do desenvolvimento de economias locais em relação a economias centrais.

Seu ponto de partida é a dependência da expansão política-territorial em relação à expansão da rede de transportes e de comunicação. Os passos seguintes consistem em mostrar como isto está condicionado, de um lado, pelas características da industrialização (uso do ferro e carvão) e pela demanda de mercados europeus; e, de outro lado, pelas injunções políticas relativas aos impérios britânico e americano.

Esse projeto colossal – que na prática se apoiava na erudição e credibilidade de seu executor – demanda uma tal quantidade de energia e conhecimentos de deixar cético até mesmo um pensador abrangente como McLuhan: “ninguém está preparado para isto”, afirma o futuro autor de *Galáxia de Gutenberg*. Pelo menos não do ponto de vista de um empreendimento científico. Aos seus olhos, somente a arte poderia reivindicar e levar a termo este projeto de representação total ou de reconstrução da “totalidade do caráter inter-relacional da existência social” (McLuhan, 1953, p. 386).

Se tivéssemos que atribuir três palavras chaves para sintetizar este projeto, provavelmente seriam: *império, meios de comunicação, monopólio do conhecimento*. A cada uma delas corresponde uma tese: dependência econômica dos países periféricos (globalização); *bias* dos meios de comunicação; poder e controle social. Apesar de terem alguma autonomia relativa, elas podem ser organizadas em um todo coerente e é justamente isto que uma reconstrução lógica tenta fazer.

Tomando-se como ponto de partida os estudos da economia canadense e seus ciclos econômicos (peles, papel) e sua situação particular entre dois Impérios (Britânico e Americano), podemos dizer que Innis volta ao passado para compreender os precursores destes, os grandes impérios da antiguidade (Babilônia, Roma, Egito). Surge então a tese do *biais* dos meios de comunicação, que dá grande destaque à comunicação.



Mas não podemos colocar tudo no mesmo plano, equiparando sem muito rigor matérias primas (peles de animais, peixe) com meios de comunicação (“argila”, “papiro”). Estes são tecnologias da inteligência e têm repercussão no plano simbólica, muito além, portanto, de sua simples condição mercantil. E é isto, justamente que marca o interesse de Innis pela comunicação, e a importância que irá tomar em seu sistema de pensamento.

William Melody chama a atenção para o fato de “que a exploração de recursos básicos nas regiões periféricas e a extensão do poder dos impérios depende dos efetivos sistemas de comunicação” (Melody, 1981, p. 5). Esta dependência é extremamente significativa, pois aponta a trajetória do interesse de Innis e sua nova compreensão, o que sugere a hierarquização das teses: se o objetivo geral permanece o mesmo, ou seja, procurar entender os impérios que determinam a economia canadense e mundial, uma “causa”<sup>5</sup> mais elementar e profunda foi explicitada e passa a ser o elemento chave dentro do pensamento innisiano.

A “descoberta” da comunicação representa um importante enriquecimento e complexificação do quadro de investigação e, a princípio, seria um aprofundamento da análise sobre as condições de possibilidade dos impérios. No entanto, o deslocamento da matriz explicativa da análise das matérias primas (ciclo econômico) para os meios de comunicação, corresponde a uma passagem do plano da economia para o da comunicação.

Indo diretamente ao assunto, várias possibilidades se abrem para a compreensão dessa “dependência” do plano econômico – mas também do político, do histórico etc. – aos meios de comunicação. Sua *significação teórica* pode ser dada por pelo menos cinco modos diferentes.

a) A mais simples, e conhecida como *determinismo tecnológico*, consiste em entender como uma *relação causal* – portanto forte, direta e unidirecional – a ação dos meios sobre a sociedade. No caso de Innis, o determinismo tecnológico se confunde e se expressa como um *materialismo*, já que é o autor não faz a distinção, portanto básica e necessária, entre suporte material e meio propriamente dito (o primeiro está restrito à ordem material, o segundo articula esta ordem com a ordem simbólica). Por conseguinte, o significado dessa dependência expressa uma relação metafísica, seja de determinação

---

<sup>5</sup> A rigor também seria possível entender o interesse de Innis pelos meios de comunicação como uma base material, um viés metodológico, para compreender a economia-política. Trata-se de uma ambigüidade que remonta à imprecisão epistemológica de Innis. Nossa reconstrução racional, no entanto, de acordo com os interesses e objetivos deste trabalho, não precisa considerar esta possibilidade de interpretação.



causal (causalidade, posição encontrada em várias passagens de McLuhan), seja de potência aristotélica, o que nos levaria, por exemplo, a buscar a Monarquia como uma potência da argila: a escrita traria a monarquia, assim como o papel traz a democracia.

A relação direta e abrupta entre uma forma particular de governo com a ordem material do suporte de comunicação, mesmo que intermediada por um reconhecimento do importante função que desempenha na atividade administrativa, não é suficiente para apagar a sensação de grande salto entre um plano e outro. A enorme lacuna que se abre mina a credibilidade de uma teoria da comunicação.

Por outro lado, não é fácil se livrar da causalidade. O mais importante talvez seja sair do plano metafísico e colocar a discussão no plano do conhecimento, transformando a questão em um problema de “imputação lógica”, ou de qual significação dar à relação entre aos elementos envolvidos. Em outros termos, o problema não é da ordem do real, mas de como entendemos e construímos nosso objeto de estudo (abordagem que privilegia a centralidade, como veremos mais à frente).

b) Alguns autores têm salientado o aspecto de uma *análise dialética* em Innis. Escapam dessa forma aos inconvenientes do determinismo tecnológico. É uma posição muita menos arriscada, mais cômoda, pois é difícil ser atacada, mas por isso mesmo gera teses “fracas”, no sentido em que elimina a tensão entre os planos, conciliando-os numa totalidade dinâmica. Na realidade, esta posição também pode ser vista como metafísica, pois imputa à realidade o elemento dialético: a realidade seria assim. Outro aspecto é que elimina o fator unidirecional da análise causal, mas não sua essência, podendo ser interpretada como uma causalidade em dois sentidos (como na noção de feed-back, trazida pela cibernética), ou como uma causalidade em dois tempos (introduzindo níveis superiores de estruturação).

c) Outra possibilidade seria entender a relação da economia com os meios de comunicação como uma *correlação funcional*, isto é, eliminando-se a dependência para tratá-la como uma função: “isto em função daquilo”. Ao invés de causalidade passamos a ver uma correlação, uma interdependência imediata (não em temporalidades diferentes, como na visão dialética), sem ordem de prioridade ou subordinação entre as instâncias envolvidas. Trata-se apenas de compreender algo através de um outro fator, o que pressupõe a unidade de ambos, ou seja, a construção de um *sistema funcional*.

d) A noção de sistema também está presente na *análise estrutural*, que é aparentada e muito próxima da anterior. Podemos ver nela uma radicalização do





funcionalismo, na medida em que os elementos do sistema funcional não pré-existem, mas são definidos nas próprias relações que estabelecem uns com os outros. Em termos aplicados, a relação entre economia e comunicação poderia ser entendida como um *efeito estrutural*, uma analogia que liga a forma (traços característicos) do sistema total com a do fenômeno estudado. Aplicado ao nosso caso poderia ser entendido como os reflexos da arquitetura do sistema comunicacional sobre a atividade econômica, política, histórica, enfim a organização social em todos suas dimensões.

e) A noção de centralidade é corrente e empregada por vários autores. Diz respeito à eleição de um fator, que passa a ser central, dentro de uma dada problemática. Diante de um quadro complexo, elege-se determinado elemento como explicativo, tanto por seu poder de articulação da totalidade do sistema, tanto por sua capacidade de interpretação das relações entre os elementos em seu conjunto ou de forma isolada. Neste sentido é muito próxima das análises funcional e estrutural, mas salienta a decisão de uma escolha metodológica ou epistemológica, ao mesmo tempo em que introduz uma chave de leitura, um princípio de interpretação para a totalidade. As escolhas mais fundamentais nos remetem aos princípios básicos de uma disciplina, enquanto que em outros níveis podem representar às premissas de um programa de pesquisa ou de uma pesquisa em particular (neste nível ela passa a ser metodologia).

Não há propriamente falando uma relação de subordinação entre os elementos – pelo menos não no sentido ontológico –, mas sim de hierarquia estratégica (sentido metodológico) ou disciplinar (sentido epistemológico), já que cada disciplina nada mais é que uma tradição de conhecimento caracterizada por certo conjunto de “premissas” ou decisões segundo uma certa compreensão possível de seu objeto. A vantagem dessa interpretação é produzir teses fortes sem impor qualquer tipo de determinismo, ao mesmo tempo que permite lidar com um grande número de fatores se ver encalhado no infinito, como é o caso quando se tenta levar a sério a abordagem interdisciplinar.

Vários pesquisadores empregam essa abordagem, nem sempre com clareza sobre sua implicação e posicionamento epistemológico. Nós mesmos nos aproximamos dela quando tratamos o objeto de estudo da comunicação (Martino, 2003, 2001b). Uma apresentação e discussão de seus princípios podem ser encontradas em *O Advento da Sociedade Pós-Industrial* de Daniel Bell (1977).





Enfim, todas estas posições são conhecidas e correntes nas ciências sociais. Seria inapropriado, e mesmo incoerente, escolher uma delas como a verdadeira ou a mais fiel à obra de Innis, não somente por certa ambigüidade que ela comporta, mas principalmente porque estamos falando de programa de pesquisa, o que admite necessariamente variações quanto a sua interpretação (os demais pesquisadores desenvolvem versões diferentes do núcleo duro).

De outro lado, não é possível deixar de ter um posicionamento. Por isso explicitamos o nosso como sendo este último, o da centralidade. Entendemos, então, a obra de Innis como um complexo conjunto de problemas e tomamos a comunicação como dimensão central que permite unificar e hierarquizá-los, não de forma absoluta, mas em função do problema e dos objetivos fixados por nosso interesse em interpretar e compreender sua contribuição para o pensamento comunicacional.

Neste sentido, adotamos a proposição da *centralidade dos meios* como o núcleo duro do programa comunicacional de Innis, de modo que eles passam a constituir uma chave de interpretação para a organização social.

Diferenças sutis, mas profundamente importantes, passam a ser levadas em conta. Por exemplo, em relação ao “ponto central de Innis”. James Carey o define do seguinte modo: “o principal efeito da tecnologia dos meios de comunicação é sobre a organização social” (1967, p. 34). Nossa afirmação aparentemente repete a de Carey, mas apenas aparentemente. A abordagem da centralidade não admite a noção de *efeito*, como colocada por este autor, que interpreta Innis como um determinista tecnológico.

## 1. Os Ataques às Hipóteses Secundárias

Amplamente polêmico, difícil, com interfaces com muitos domínios de conhecimento, e ainda, novo e original, o trabalho de Innis atraiu muitas críticas. E não poderia ser de outra maneira. Faltava-lhe uma base epistemológica, uma reflexão sobre a significação teórica acerca de suas proposições-chaves e uma sistematização do pensamento, lacuna que torna válido quase tudo o que foi dito a favor e contra ela (manchas do teste de Rorschak; amontoado de informações...).

Mas também faltou tempo. Algo que Innis não dispunha e que a obra adquiriu através da tradição que se formou em sua volta. Fato, aliás, dos mais intrigantes, uma vez que se mostrava tão criticada e criticável. Por que uma obra nestas condições conseguiu atrair a atenção de gerações de pensadores se nem mesmo a forma como foi escrita



deixou de ser atacada? Esta pergunta fica automaticamente respondida ao abordar a obra de Innis como um programa de pesquisa: o que foi atacado foram suas hipóteses secundárias, o cinturão de problemas e conjecturas constituído ao redor do núcleo duro. Este, ao contrário, permanece intocável e têm chamado a atenção de muitos pesquisadores.

Das críticas mais interessantes e completas feitas à obra innisiana estão as que Vere Gordon Childe, eminente arqueólogo australiano fez em uma resenha do recém lançado *Empire and Communications* (Childe, 1950). O enorme poder de penetração de sua análise consegue, em pouquíssimas páginas, abordar uma desproporcional quantidade de problemas, cuidadosamente colocados e tratados de forma muito pertinente graças a sua formidável erudição em matéria de antiguidade. Da grafia de certos termos até o âmago do projeto de Innis, nada parece escapar ao atento leitor, que examina o *dito*, o *não dito* e o *mal dito*<sup>6</sup>. As mais importantes, no entanto, se encontram nesta última categoria. Childe simplesmente desmonta as teses de Innis oferecendo contra-exemplos e mostrando a insustentabilidade de afirmações tais como: “a civilização grega foi um reflexo do poder da palavra falada”; ou que “a cultura semítica estava baseada no meio pedra” ou ainda “para que se produzam os impérios babilônicos, estes foram enxertados na cultura sumeriana, baseada no meio argila”.

Se sistematizarmos as críticas que em geral são feitas à obra innisiana vemos que elas se repartem em quatro categorias principais:

- insuficiência de reflexão sobre a *significação teórica* (normalmente visando os obstáculos e dificuldades decorrentes de uma interpretação de Innis enquanto determinista tecnológico ou inconsistências relativas à variação de seu posicionamento);
- *inconsistência teórica* (dificuldade de seu modelo explicativo, que passa de um plano da realidade a outro, de modo muito drástico, como, por exemplo, dizer que a argila e o papel nos levam a regimes políticos diferentes, ou explicar a queda do império romano pelo desabastecimento de papiro);
- *falta de clareza* (problemas com a escrita, amontoado de informações, o que denota falta de sistematização das proposições);
- *não correspondência com os fatos* (como faz Childe, ao criticar as fontes empregadas na análise das sociedades antigas).

---

<sup>6</sup> A formação de Childe é em Filologia.



De todas estas, apenas a primeira categoria não entra na mira do arqueólogo australiano. Até porque exigiria um esforço e um espaço muito maior que o de uma simples resenha. Não obstante, se Childe recusa as afirmações peremptórias de Innis, mostra a inconsistência lógica de algumas delas ou, com mais frequência, vale-se de sua erudição para mostrar que não correspondem aos fatos históricos, de outra parte, parece compreender que há algo mais importante, que se colocaria para além do material analisado.

Esta separação entre o texto e a “linha de pesquisa”, entre o que foi executado (e como foi executado) e de outra parte o projeto, coloca em jogo a diferença na qual também apoiamos nossa análise. Childe entende a necessidade de distinguir o que no projeto geral é contingente ou essencial. Ou, de maneira mais precisa, como já colocamos, a necessidade de separar e tratar de forma diferenciada as hipóteses secundárias e o núcleo duro. As primeiras podem – e devem ser atacadas –, porque é desse confronto (que se desdobra nos planos empírico, metodológico, lógico e epistemológico) que nosso conhecimento avança. Não porque os equívocos sejam *melhores*, mas porque trazem mais informação e uma informação mais estável que aquelas contidas nas hipóteses que resistem à falsificação.

É possível definir o núcleo duro do programa comunicacional innisiano a partir das proposições retidas e destacadas por Childe. Exatamente duas:

- o conceito de comunicação ligado à técnica.
- a centralidade dos meios de comunicação para entender a organização social.

Estas proposições encerrariam o principal do que Childe identifica como “interessante linha de pesquisa”, sem contudo enunciar seu conteúdo. Hoje estamos em condições de não somente perceber, mas explicitar melhor o núcleo duro do programa comunicacional innisiano, que aparece claramente em sua compreensão da comunicação através da tecnologia. Basta uma comparação com outras tradições de pesquisa para imediatamente nos darmos conta da originalidade do empreendimento. Gaëtan Tremblay resume com muita propriedade e concisão o quadro conjuntural da produção de Innis e de McLuhan:

No momento onde esses dois autores canadenses colocavam *a técnica no centro de seus estudos de comunicação*, a maior parte dos pesquisadores americanos seguia suas *pesquisas empíricas sobre os efeitos* das mensagens. Outros aplicavam as *teses evolucionistas e difusionistas* das comunicações para o desenvolvimento. Adorno e Horkheimer *criticavam a indústria cultural*, enquanto que Shannon e Weaver concluíam a *teoria matemática da informação*, e Wiener jogava as bases da *cibernética*. Os europeus do Oeste,

particularmente os franceses, influenciados pelo estruturalismo em lingüística e em antropologia, trabalhavam sobre o sentido e faziam da *semiologia* ciência das comunicações. No Reino Unido, os trabalhos de Hoggart, de Williams e de Thompson sobre a *cultura popular* e a formação dos adultos, inspirados, no começo, pelas abordagens da *filosofia marxista*, conduziram à criação de uma potente corrente que se tornou proteiforme, a *Cultural Studies*. (p.20-21).

Desenvolvimento, difusionismo, crítica da indústria cultural, teoria matemática da informação, cibernética, estruturalismo lingüístico, antropologia estrutural, semiologia, estudos culturais. De minha parte contei nove diferentes tradições e nem precisamos entrar no mérito quanto ao número e ao escopo (seriam todas realmente abordagens de um saber comunicacional?), pouco importa, porque certamente este número poderia aumentar com muita facilidade. Afinal, que critério poderia dizer o que é e o que não é comunicação, ou o que tradições compõe ou não o campo?

Questões que me são particularmente caras, mas que não é o caso aqui de tentar responder, pois estas dúvidas já nos permitem uma interessante constatação: dos poucos pontos seguros e consensuais (e ousar falar de consenso) – talvez o único que faz calar a polêmica a respeito dessas duas obras fortemente exuberantes e paradoxais – é justamente o pertencimento de Innis e de McLuhan ao campo comunicacional. Se tudo neles pode ser colocado em questão (como aliás costuma acontecer), de outro lado, ninguém pode negar que em seus trabalhos há uma *teoria da comunicação*.

É curioso observar como a certeza sobre a pertinência ao campo comunicacional decresce à medida que as tradições adquirem prestígio ou consistência. Porque geralmente buscam-no em outras áreas: quando temos teorias consistentes, não são de comunicação; mas quando são de comunicação, não são consistentes. Contudo, o importante neste momento é destacar que Innis e McLuhan, ao contrário de outros autores e teses, normalmente importados para o campo comunicacional, independente da avaliação que podemos fazer de sua consistência, pertencem ao campo da comunicação em seu sentido mais forte, pois enfatizam e desenvolvem abordagens nas quais os meios de comunicação assumem um papel central.

A passagem de Tremblay nos mostra como estes dois pesquisadores canadenses, voltando-se para a tecnologia, acabam gerando uma entrada característica e original dos fenômenos comunicacionais. Mas podemos ir além dessa constatação e lançar a pergunta se – mais do que uma tradição –, eles não inauguram o campo comunicacional. Em outras palavras: em que medida o campo e o próprio conceito de comunicação podem se afastar da centralidade dos meios de comunicação sem perder consistência?



Eis aí uma dessas perguntas das quais se espera muito mais do que um “sim” ou um “não”. Porque não é uma pergunta qualquer. Ela não é circunstancial, nem é determinada pela particularidade de tal ou tal tradição. Sua força reside no fato de que todas as traduções devem se posicionar frente a ela (de onde seu poder de mobilização); e para isso têm que desenvolver sua base argumentativa. O que não somente as leva a crescer, mas também gera um ponto de diálogo e articulação entre elas. Ora, é isto mesmo que entendemos como o principal papel de um *objeto de estudo* de uma disciplina: articular diversas tradições de modo que possam criar interlocuções produtivas (Martino, 2003). São estas diferenças (como dizíamos acima nos referindo ao espaço entre disciplinas) que permitem a geração do conhecimento, o conflito de teses.

Se estas considerações são pertinentes, então, é importante destacar a dupla entrada nos textos de Innis e de McLuhan, seja destacando suas teses do núcleo duro, seja criticando aquelas teses secundárias, que formam parte do cinturão de proteção. Sem este cuidado muito pouco restaria de suas obras, já que não resistiriam a uma crítica mediana. Contudo, tal perda pode significar muito mais do que um ataque à fundamentação de uma tradição específica, pois junto com o trabalho desses dois autores também pode estar indo nossa possibilidade de entender a área como um saber autônomo. Por conseguinte, devemos entender que o pioneirismo em questão não é apenas da fundação de uma corrente ou tradição, mas se refere ao campo. O que estou sugerindo é que o destino do saber comunicacional e da tradição canadense podem estar mais intimamente ligados do que a relação todo-parte.

## **2. O programa pesquisa de Innis e McLuhan**

Innis não foi o único, nem o primeiro a analisar historicamente e a destacar a importância dos meios de comunicação. Em 1936, antes de ele começar a se interessar pelo assunto, Gordon Childe já havia publicado *Man Makes Himself* (traduzido para o português como *A Evolução Cultural do Homem*), onde dedica todo um capítulo à escrita (*A Revolução no Conhecimento Humano*). Ambos voltam suas atenções para a origem das grandes civilizações e para a escrita. Ambos abrem perspectivas interessantes para o campo comunicacional. Childe procura compreender a profunda revolução cultural que fecha o neolítico e libera o período histórico. Ele reconhece a escrita como o principal elemento de uma “Revolução do Conhecimento”; propõe-se a examiná-la dentro da série de evoluções tecnológicas e perspicazmente a define como uma *tecnologia intelectual*.



Innis, de outra parte, procurando explicitar as condições que cercam a emergência e expansão dos impérios, chega até a escrita, tomando-a como componente imprescindível do aparato administrativo no qual se apóia o Estado. Ambos também compartilham princípios materialistas, o que permite ao antropólogo explicar a origem e as conseqüências da escrita a partir das necessidades da florescente atividade econômica do final do neolítico (desenvolvimento da produção e do comércio articulado ao templo como unidade econômica e administrativa do excedente de produção) e ao economista, descrever os impactos da escrita em termos culturais.

Contudo suas orientações são diferentes, a análise de Childe marca uma trajetória que vem da pré-história para a antiguidade – e resta presa ao passado. Se seus trabalhos influenciaram uma geração de antropólogos, suas brilhantes análises sobre a escrita são desconhecidas no campo comunicacional<sup>7</sup>. É o caso, aliás, de outros pensadores importantes, como Erick Havelock, bastante identificado com a Escola de Toronto, autor de respeitável obra sobre o impacto da escrita na antiguidade grega, mas pouco absorvido pelos comunicólogos. Innis, por sua vez, vem do presente, o que lhe torna possível fazer a ponte da escrita com o problema dos outros meios de comunicação, estabelecendo a relação entre o antigo e o moderno, tal como os problemas dos impérios da antiguidade se prolongam nos do presente.

Esta diferença de orientação nos permite entender um pouco porque a contribuição do primeiro, embora mais consistente e fundamentada, não tenha tido penetração no pensamento comunicacional, ao passo que a teoria de Innis, apoiada no conceito de *bias* dos meios, muito mais arrojada e inconsistente foi acolhida e saudada como uma contribuição pioneira.

Há razões profundas que fazem de Innis o pioneiro dos estudos da comunicação. A ligação entre o passado e o presente representa um projeto pessoal muito caro a Innis, que visava uma “história da comunicação” (Heyer, 1981; Buxton, 2003;), ou mais exatamente, uma visão histórica da comunicação. Mas também significava trabalhar não com um, mas com vários meios de comunicação. Este é o diferencial que muito pesou para a associação do nome de Innis ao estudo da Comunicação: não se trata de um estudo

---

<sup>7</sup> Childe e Innis tiveram breves encontros. Ver o interessante artigo de Paul Heyer (1993) sobre os dois autores. Nos anos 80, os trabalhos de Jack Goody, um antropólogo inglês, contém elementos que lembram e aproximam os dois grandes pensadores. J. Meyrowitz, teórico estadunidense, o classifica ao lado de Innis, em uma tradição que propõe chamar de *Teoria dos Meios*. De outra parte, o principal conceito de Goody se refere às *tecnologias da inteligência*, num sentido mais desenvolvido, mas muito próximo a aquele que Gordon Childe emprega *tecnologia do intelecto*.



isolado, ou de um único meio, mas de um projeto de pesquisa sobre o conjunto dos meios de comunicação (escrita, os jornais, o telégrafo, o rádio e a TV).

Na verdade, a ligação com o presente toca o elemento central da epistemologia da comunicação. Sua identificação com os comunicólogos se deve ao fato de tomar a *atualidade mediática* como objeto de estudo. Este é o grande diferencial de Innis e o ponto no qual reside sua originalidade: o núcleo duro de seu programa de estudo se confunde com o da própria área de estudo.

Tratava-se, portanto, de uma teorização dos *meios de comunicação* – não a escrita de forma isolada, como podem fazer os historiadores do livro e da imprensa; não o rádio ou a TV, como podem fazer os sociólogos da comunicação – mas os meios enquanto totalidade, enquanto conceito forte. Mais do que elemento constituinte, eles são tomados como vetor explicativo, que permite uma análise original da organização social (poder, cultura, império, conhecimento...) e uma perspectiva singular da história. O *medium* passa a ser a chave de leitura, o elemento central a partir da qual é operada a análise teórica dos processos sociais.

Como matriz explicativa, a centralidade dos meios corresponde a uma *teoria*, no sentido forte que se pode dar ao termo. Por outro lado, para além desse plano, que liga o discurso teórico à realidade a ser explicada, ela também passa a ter um valor epistemológico. A tese possui esta virtude germinadora e pedagógica, presente na obra dos grandes clássicos, já que não apenas dá conta de uma realidade particular (como qualquer teoria deve fazer), ela estabelece uma forma de abordagem e eixos de investigação a serem seguidos, assumindo assim valor paradigmático. Com esse tipo de obra se explicita os mecanismos de que nos permitem compreender nossas próprias pesquisas e acabam influenciando diretamente no desenvolvimento destas. A tese da centralidade mediática introduz um *objeto de estudo* que permite à Comunicação ser reconhecida em sua autonomia, de modo que ponde se desenvolver enquanto uma disciplina das ciências sociais.

Definitivamente, o autor de *Império e Comunicação* não é historiador, nem classicista, não tem formação para isto, suas fontes são de segunda-mão e o resultado apresenta falhas e lacunas significativas. Seus estudos lançam luz menos sobre o passado que sobre o presente, pois é exatamente este seu objetivo. Seus estudos históricos visavam obter um ponto de comparação, tratava-se de criar as condições de





distanciamento que lhe permitem *teorizar e não simplesmente debater os problemas da atualidade*.

Afastado do imediatismo do mundo, sua doença libertava seu corpo do peso dos ofícios administrativos e, principalmente, sua mente da reatividade do intelectual. Isto de certa forma o rejuvenescia, trazia-o de volta ao corpo de sinaleiros, para lutar uma nova e derradeira guerra nas trincheiras invisíveis do combate teórico pela cultura. Por coincidência, o ano de 1948 não somente trouxe a doença, ele marca a intensificação de seu interesse pela comunicação e a entrada da TV na vida canadense. Na época, e ainda hoje, isto significava uma invasão da cultura comercial estadunidense. Innis foi um dos primeiros a entender a extensão do império americano através da cultura mediatizada e cumpria sua missão ao acenar com um corpo teórico que ele mesmo não teve o tempo para desenvolver plenamente, mas que hoje sabemos ser capaz de se tornar um programa de pesquisa de toda uma escola, e para além dele, o fundamento de uma disciplina.

Deslocando o foco de seu pensamento do *conteúdo* da atualidade para a *teoria* da atualidade Innis opera uma importantíssima ruptura, *a ruptura do intelectual com o teórico*, pois aquele morre junto com o seu tempo, pertence a uma época, cuja escala é medida pelas notícias de jornal, pela dinâmica social fixada, pautada e debatida nos meios de comunicação; o teórico, de outra parte, sobrevive às margens desse fluxo do devir social, que penetra até mesmo o mundo acadêmico.

As mesmas condições mediáticas que permitiam a emergência de novos impérios permitiram vislumbrar a possibilidade de um saber comunicacional forte, isto é, com autonomia explicativa para se tornar um instrumento de sondagem do real ou de interpretação da vida social. Mas também, tal como aconteceu no plano da cultura, propiciaram a invasão do poder dos meios para dentro do pensamento acadêmico, equiparando informação ao conhecimento e incorporando a atualidade mediática ao conhecimento filosófico-científico<sup>8</sup>. A retirada para o passado, o entrincheiramento na teoria, deu-lhe o recuo necessário para a reflexão teórica. Representava sua forma de enfrentar as modificações do tempo-espaço introduzidas por novos *biais mediáticos*, e assim levar a cabo seu último combate, aquele pela defesa das condições do pensamento.

O estudo dos meios não é fascinante em si mesmo, ele nos leva diretamente ao coração dos problemas fundamentais que caracterizam nossa época, e, por isso mesmo,

---

<sup>8</sup> O próprio movimento de se tentar fazer da interdisciplinaridade uma nova forma mais elevada de conhecimento pode ser entendida como uma manifestação do conhecimento acadêmico sendo absorvido pela atualidade mediática e assumindo sua forma.



acaba por gerar suas próprias dificuldades de elucidação, encobrendo-se sob o manto da atualidade. A figura de Proteu, potência divina que incessantemente se transforma e não pode ser apreendido, evocada em uma metáfora de McLuhan, ilustra a dificuldade de apreender a atualidade e, por conseguinte, de definir o objeto de estudo da comunicação.

Gerações de estudiosos da comunicação não conseguiram perceber a diferença entre a forma e o conteúdo da atualidade mediática, o que os deixou completamente à mercê da pauta dos jornais e outros meios, tornando-se verdadeiras máquinas de reação a seus conteúdos (a crítica como bem percebeu McLuhan, é apenas uma maneira a mais de submeter-se aos meios, ou de torná-los invisíveis). Deixaram-se levar pelos encantos da “realidade proteiforme”, através da qual os meios nos dão acesso ao mundo social. Tentaram apreender com as mãos nuas as aparências de um vertiginoso mundo caleidoscópico, repleto de informação, como se a pronta reatividade ao fluxo dos acontecimentos mediatizados pudesse substituir a abordagem teórica. Isto levou o estudo de comunicação a permanecer afastado das ciências sociais, já que não parecia possível separá-la da experiência direta ou do acompanhamento da atividade jornalística e sua exigência de tomada de posição política frente aos fatos.

Sem o distanciamento proporcionado pela distinção entre forma e conteúdo, a atualidade mediática se mistura à realidade, se apresenta como devir incessante, impossível de ser pensada, salvo as precíguas análises e observações do momento. Sem o preparo da reflexão teórica, o conteúdo prevalece, pois a pregnância das mensagens leva nossa atenção a se fixar e a se envolver com seus conteúdos, somos presos pelo sentimento, pela responsabilidade, pela curiosidade... e de tantas outras maneiras, pois não podemos focalizar o meio propriamente dito.

A problematização da invisibilidade do meio de comunicação é uma das maiores conquistas do saber comunicacional. Trata-se de uma tese derivada da tese central de McLuhan: *o meio não é mensagem*. Sua popularidade me permite a licença de apresentá-la de maneira mais clara, sem o peso do idioleto mcluhaniano, que usa o termo “mensagem” num sentido muito particular e em oposição à “conteúdo”. Quem lê o capítulo inicial de sua principal obra, *Understanding Media*, cujo título porta exatamente a famosa frase, pode observar que a maior parte do texto está dedicada à distinção entre meio e conteúdo (da mensagem) e que o termo mensagem é usado de maneira não usual, como “significado” ou “efeito”.



Menos paradoxal que o modo como tem sido tomada, a frase o “meio é a mensagem”, simplesmente indica que é o *meio* que diz, que atribui significado, que dá sentido, que é significante, portanto, o que é significativo não é a mensagem, mas o meio. Mesmo quando McLuhan escreve *que não é*. Embora a mensagem (no sentido não-mcluhaniano <sup>9</sup>) possa provocar efeitos, estes são incomparavelmente menos importantes que aqueles provocados pelos meios de comunicação. Em outras palavras, é o meio que interessa.

Deixando de lado o intelectual mediático, nos colocando, então, para além das máscaras e antigas técnicas retóricas amplificadas pelo poder dos modernos meios de comunicação, aparece um autor talvez pouco conhecido, que aproximamos de Harold Innis pela contribuição que dá ao saber comunicacional.

A visibilidade dos meios, a *distinção de meio e mensagem* constitui o primeiro passo do desdobramento da *centralidade dos meios de comunicação*. Juntas formam o núcleo central da fundamentação da comunicação enquanto domínio de conhecimento, disciplina das ciências sociais.

## REFERÊNCIAS

- ACLAND, Charles; BUXTON, William (eds.). **Harold Innis in the New Century: Reflections and Refractions**, Montréal, McGill-Queen's University Press, 1999.
- ATTALLAH, P.; SHADE, Leslie Regan (eds.). **Mediascapes: New Patterns in Canadian Communication**. 2<sup>nd</sup> ed. Thompson & Nelson, 2006.
- BABE, Robert. **Canadian Communication Thought: Ten Foundational Writers**, Toronto, University of Toronto Press, 2000a.
- BELL, Daniel.. **Advento da sociedade pós-industrial**. Cultrix. São Paulo, 1977.
- BUXTON, W. J. (1998). Harold Innis' Excavation of Modernity: The Newspaper Industry, Communications, and the Decline of Public Life. **Canadian Journal of Communication**, 23(3), 321-339.
- BUXTON, W. J. “Harold A. Innis ‘History of Communications’ Manuscript”, in Paul Heyer **Harold Innis.– Harold Innis**. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2003.
- CAREY, James. "Canadian Communication Theory: Extensions and Interpretations of H. Innis." In Robinson & Theall **Studies in Canadian Communications**, Montreal, 1975, p.27-58.
- CAREY, James. « Harold Adams Innis and Marshall McLuhan », **Antioch Review**, vol. 27, n. 1 (printemps 1967), p. 5-39.
- CAREY, James. « Marshall McLuhan: Genealogy and Legacy », **Canadian Journal of Communication**, vol. 23, n. 3 (1998). [www.cjc-online.ca/viewarticle.php?id=468](http://www.cjc-online.ca/viewarticle.php?id=468).
- CHILDE, V. Gordon. “Reviews of Empire and Communication by H.A. Innis”, **The Canadian Journal of Economics and Political Science**”, vol.XVII, feb. 1950, pp. 98-100.
- CHRISTIAN, William (ed.). **The Idea File of Harold Adams Innis**. U.T. Press, 1980.

<sup>9</sup> Quer dizer, para todas as tradições saber comunicacional e para o sentido corrente, que existe na língua.



- CROWLEY, D. J.. “The Communication of Biases and the Biases of Communication”, in , Liora Salter (ed.) **Communications studies in Canada**. Toronto: Butterworths, 1981, p.199-211.
- HAMILTON, Sheril N.. “Considering Critical Communication Studies in Canada”, in ATTALLAH, P.; SHADE, Leslie Regan (eds.). **Mediascapes: New Patterns in Canadian Communication**. 2<sup>nd</sup> ed. Thompson & Nelson, 2006, p.9-27.
- HEYER, P. “Empire, History, and Communications viewed from the margins: the legacies of Gordon Childe and Harold Innis”, **The Australian Journal of Media & Culture**, v. 7, n. 1 (1993).
- KERCKHOVE, Derrick de. "McLuhan and the 'Toronto School of Communication'." **Canadian Journal of Communication** 14, no. 4 (1989): 73-79.
- MARTINO, Luiz C.. “Ceticismo e Inteligibilidade do Saber Comunicacional”, in **Galáxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura**, revista do PPG da PUC-SP, nº 5, abril de 2003. São Paulo: Educ. Brasília: CNPq, 2003.
- MARTINO, Luiz C.. “De Qual Comunicação Estamos Falando?”, in A. Hohlfeldt; L. Martino; V. França (orgs.). **Teorias da Comunicação**. Vozes. Petrópolis, 2001b.
- MARTINO, Luiz C.. “Contribuições para o Estudo dos Meios de Comunicação”. **Revista FAMECOS** nº 13, Porto Alegre, dezembro de 2000, pp. 103-114.
- MARTINO, Luiz C.. « Interdisciplinaridade e Objeto de Estudo da Comunicação », in A. Fausto Neto et ali (orgs), **Campo da Comunicação**. Editora Universitária/UFPB. João Pessoa, 2001a, pp. 77-90.
- MARTINO, Luiz C.. “As Epistemologias Contemporâneas e o Lugar da Comunicação”, in Maria I. V. Lopes (org.) **Epistemologia da Comunicação**. Loyola. São Paulo, 2003, pp. 69-101.
- MARTINO, Luiz C. (org.). **Teorias da Comunicação: Poucas ou Muitas?** Ateliê. S. Paulo, 2007.
- MCLUHAN, Marshall. “Foreword” to Harold Innis **Empire and Communication**, U. Toronto Press, 1972.
- MCLUHAN, Marshall. “Introduction to Harold Innis, **Bias of Communication**.
- MCLUHAN, Marshall (1953). "The Later Innis." **Queen's Quarterly** 60 (3): 385-84.
- MCLUHAN, Marshal; MCLUHAN, Eric – *Leyes de los Medios: la nueva ciencia*. Alinza Editorial. México, 1990 (original, 1988).
- MELODY, W.; SALTER, L.; HEYER, P.. **Culture, Communication and Dependency**. Norwood, N.J., Ablex, 1981.
- MELODY, William; SALTER, Liora; HEYER, Paul. **Culture, Communication and Dependency: the tradition of Harold A. Innis**. Norwood, N.J., Ablex, 1981.
- MEYROWITZ, J. “Medium Theory”, in Crowley & Mitchell **Communication Theory Today**, Cambridge U.P., 1994, p. 50-57.
- SALTER, Liora (ed.). **Communications studies in Canada**. Toronto: Butterworths, 1981.
- TREMBLAY, Gaëtan. “De Marshall McLuhan a Harold Innis ou da Aldeia Global ao Império Mundial”, in **Revista FAMECOS** nº 22 dezembro 2003, Porto Alegre.
- WATSON, Alexander J. **Marginal Man: The Dark Vision of Harold Innis**, U.P.Toronto, 2006.